

cavalos de corrida uma maior incidência de fraturas no quarto osso metacárpico esquerdo e no segundo metacárpico direito, devido ao aumento de peso nestes ossos quando o animal corre em sentido anti-horário. Neste estudo não se observou o descrito por Stashak, pois a incidência de fraturas no segundo e quarto metacarpianos do membro torácico direito e esquerdo ocorreu aleatoriamente, provavelmente porque os cavalos de pólo trabalham em sentido horário e anti-horário.

Incidência de dentes primeiros pré-molares - PM1 - em eqüinos da cavalaria da PMMG

Pagliosa, G.M.¹;
Alves, G.E.S.¹;
Hering, C.²;
Godoy Montello, J.T.³;
Vianna, W.S.⁴

1- Escola de Veterinária - Universidade Federal de Minas Gerais – MG
2- Curso de Medicina Veterinária - Centro de Ciências Agroveterinárias - UDESC - Lages – SC
3- Curso de Medicina Veterinária - Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro – RJ
4- Médico Veterinário - Regimento de Cavalaria Alferes Tiradentes - PMMG - Belo Horizonte – MG

O primeiro pré-molar no eqüino é um dente subdesenvolvido situado rostralmente ao segundo pré-molar e freqüentemente associado a problemas de adaptação à embocadura, motivo pelo qual recomenda-se sua extração. A incidência dos dentes PM1 em eqüinos encontrada na literatura é bastante ampla, variando entre 4 e 80%, sendo comumente unilateral e maxilar podendo ser mais freqüente em fêmeas. No entanto, esses estudos são oriundos de países onde é habitual a extração desse dente. Não foram encontrados estudos quantificando a incidência dos dentes PM1 no Brasil onde, em algumas regiões, não é habitual a extração dos dentes PM1 nos eqüinos, como também são ignorados a sua importância e o potencial para influir na performance dos mesmos. O objetivo deste trabalho foi quantificar a incidência dos dentes PM1 em um plantel de eqüinos de cavalaria militar. Foram examinados 113 eqüinos mestiços da raça Brasileiro de Hipismo (BH) e outras, sendo 82 machos castrados e 31 fêmeas não gestantes, com faixa etária variando de três a 17 anos, pertencentes do Regimento de Cavalaria Alferes Tiradentes da PMMG onde não se pratica a extração dos dentes PM1. Foi realizado exame oral direto, sem sedação, pela inspeção e palpação digital. Foram registradas em fichas individuais identificadas as características dos dentes PM1 de acordo com a localização, a simetria, a exposição ou a inclusão gengival. A incidência dos dentes PM1 nos eqüinos examinados – em torno de 25% do plantel - foi de 30,08%, correspondendo um total de 34 eqüinos (Tabela1), dos quais 23 (67,65%) eram machos e 11 (32,25%) eram fêmeas. A localização predominante foi a maxilar e bilateral (50%), seguida da unilateral maxilar direita (32,35%) e maxilar esquerda (14,71%). Não foi identificado nenhum dente PM1 incluso. A grande variabilidade nas freqüências de dentes PM1 encontrada na literatura, de 13 a 80%, pode significar uma falta de critério no estudo da incidência desses dentes em eqüinos. Alguns estudos foram realizados em crânios de eqüinos em países onde é habitual a extração dos dentes PM1, o que pode ter resultado em incidência subestimada. A taxa de 30,08% de incidência encontrada no presente trabalho refere-se a eqüinos mestiços da raça BH e outras, enquanto taxas maiores foram encontradas em eqüinos de raças puras, a exemplo da raça PSI com 60%. Isso sinaliza para a importância desse estudo em diferentes raças isoladamente. A maior incidência encontrada em machos pode não espelhar a realidade, visto que a maioria dos eqüinos examinada - 72,57% - era de machos. O ideal seria utilizar uma população de eqüinos com igual número de machos e fêmeas para avaliar essa freqüência, apesar da presença do dente PM1, diferentemente do dente canino, não estar ligada ao sexo. Na literatura consultada não foram quantificados valores para a localização dos dentes PM1, apenas sendo citada sua observação mais freqüente como maxilar e unilateral, o que não foi observado no presente estudo, no qual a predominância foi bilateral. Além da possibilidade dos dentes PM1 influírem na

adaptação à embocadura, como citado por Uhlinger, não seria difícil admitir que esses dentes também poderiam estar de alguma forma colaborando para o distúrbio de caráter comum em determinadas categorias de eqüinos que trabalham com a embocadura do tipo bridão. A taxa de incidência dos dentes PM1 em eqüinos mestiços da raça BH e outras na cavalaria da PMMG é de 30,08%, sendo mais freqüente a localização bilateral maxilar. Outros estudos de incidência dos dentes PM1 devem ser realizados considerando-se as diferentes raças.

Tabela 1. Total de primeiros pré-molares de acordo com as características de localização e sexo dos eqüinos examinados.

Sexo	Bilateral			Unilateral				Incluso	Total
	Maxilar	Mandibular	*	MxE	MxD	MdE	MdD		
M	12	-	-	2	9	-	-	-	23
F	5	-	1	3	2	-	-	-	11
Total	17	-	1	5	11	-	-	-	34
Índice (%)	50,0	-	2,94	14,71	32,35	-	-	-	100

*Bilateral com um dente PM1 superior esquerdo e outro inferior direito.

MxE: maxilar esquerdo; MxD: maxilar direito; MdE: mandibular esquerdo; MdD: mandibular direito

Morte celular nas lâminas epidermais de eqüinos com laminite

Faleiros, R.R.¹;
Stokes, A.M.²;
Eades, S.C.²;
Kim, D.Y.³;
Paulsen, D.B.³;
Moore, R.M.²

1- Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinárias da Escola de Veterinária da UFMG – MG

2- Equine Health Studies Program, Dep. of Vet. Clinical Sciences School of Vet. Med., Louisiana State Univ. – USA

3- Equine Health Studies Program, Department of Pathobiological Sciences, School of Veterinary Medicine, Louisiana State University – USA

A laminite é uma das enfermidades mais importantes da medicina eqüina, capaz de promover incapacidade física e sofrimento aos animais e danos emocionais e econômicos aos proprietários. Com intuito de auxiliar no esclarecimento da ainda pouco elucidada fisiopatologia dessa afecção, o objetivo desse estudo foi verificar a incidência e o tipo de células apoptóticas em eqüinos com laminite. Utilizaram-se cortes de tecido lamelar (fixado em formalina e incluído em parafina) de eqüinos sadios (grupo controle) e com laminite divididos nas categorias: aguda, crônica e induzida por excesso de carboidrato ou extrato de “Black Walnut”. Para detecção de fragmentação de DNA utilizou-se a técnica de TUNEL em todos os cortes. Imunoistoquímica diferencial para caspase 3 e 14 foi utilizada em cortes selecionados para confirmar a presença de apoptose. Foram identificados dois tipos de células com fragmentação de DNA: células da camada basal (CCB) e queratinócitos (QUE) localizados próximo ao eixo queratinizado das lâminas epidermais primárias. A incidência dessas células foi superior aos outros no grupo com laminite aguda, alcançando valores 17 (CCB) e 1.025 (QUE) vezes maiores que o grupo controle. As CCB foram confirmadas como apoptóticas por serem positivas para a caspase 3. Os QUE foram negativos para as caspases 3 e 14, indicando morte celular por um processo não apoptótico. Esses resultados demonstraram que a apoptose das CCB e a morte dos QUE podem ser importantes na fisiopatologia da laminite aguda.